

DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES NA “RELACION DE LAS COSAS DE YUCATÁN”: A ALTERIDADE E A INTERPRETAÇÃO DA CULTURA NA OBRA DO FREI DIEGO DE LANDA (1549-1579).

Williams Bartolomeu Baracho de Lima*

Resumo: Para aqueles que buscam uma releitura do passado, no tocante à ação católica na América Hispânica (Séc. XVI), as Crônicas das Índias tem se mostrado de grandioso valor discursivo e interpretativo, ainda que não tão visitado quanto se permita. Na fuga de uma historiografia apologética é possível enxergar novas possibilidades interpretativas dos discursos de época. Com esta perspectiva, buscamos neste trabalho revisitar a obra do frei franciscano Diego de Landa: “Relacion de las Cosas de Yucatán”, dialogando com suas representações, ações e o poder simbólico exercido sobre os Maias, pondo em relevo também o antagonismo da obra, ou seja, os discursos ambivalentes e o conjunto de interesses em torno desta.

Palavras-Chave: Discursos; Representação; Interpretação da Cultura

Abstract: For those who seek a reassessment of the past with regard to action in Catholic Latin America (XVI th), the Chronicles of the Indies has been of great value and interpretative discourse, though not as visited as it allows. In a flight of apologetic historiography can see new possibilities of interpretation of speeches season. With this approach, we revisit this work the work of the Franciscan Friar Diego de Landa, "Relación de las Cosas de Yucatán", talking with their representations, symbolic action and power exercised on the Maya, also putting emphasis on the antagonism of the work, or words, the discourses and ambivalent set of interests on this.

Keywords: Speeches; Representation, Interpretation of Culture

No tocante as abordagens históricas, temos hoje a presença de um vasto tecido a ser costurado sob perspectivas plurais. Desde o séc. XIX vêm ocorrendo no campo teórico-metodológico da História mutações/fusões filosóficas que emergem como respostas - em caráter de novos questionamentos para com o próprio sentido do que é história e o fazer história – as indagações que atingem uma amplitude que perpassa a própria história, chegando ao campo das áreas de conhecimento (antropologia, sociologia, economia e etc.) e que por sua vez são reflexos das constantes mudanças de caráter sócio cultural ao redor do mundo.

À luz deste contexto temos uma nova dimensão no campo histórico, que é o estudo da cultura política. Tomando como *cultura* uma teia de representações que virão a dar nexo á compreensão daquilo que chamamos de “real”. E como *político* os valores, práticas e

significados do Poder para a construção e gerenciamento de uma realidade. Neste espaço, os esboços vão enveredar pelo “conjunto de atitudes, crenças, e sentimentos que dão ordem e significado a um processo político, pondo em evidência as regras e pressupostos nos quais se baseia o comportamento de seus atores” ¹.

A história da cultura do político não representa uma totalidade, ou mesmo, busca uma verdade dentro do campo histórico. O que de fato buscamos são formas de se perceber as realidades, suas representações e relações sob os aspectos do poder, do simbolismo, campos de força, dentre outros que o próprio uso da pluridisciplinaridade virá a proporcionar. Dialogando com sociólogos e/ou antropólogos ver-se emergir uma nova linha de estudo para o que chamamos de História.

Desta maneira, aqueles que buscam uma releitura do passado, no tocante a ação católica na América Hispânica, as Crônicas das Índias tem se mostrado de grandioso valor discursivo e interpretativo, ainda que não tão visitado quanto permita suas fontes. Na fuga de uma historiografia apologética é possível enxergar novas possibilidades interpretativas dos discursos de época, já que segundo o escritor Abel Posse “(...) *la Historia no es sólo comprender el pasado, sino hacerlo a la luz de su proyección en el presente*” (**POSSE, Abel**). Revisitar a obra do frei franciscano Diego de Landa: “Relacion de las Cosas de Yucatán”², é trazer a tona às representações, ações e o poder simbólico da Igreja Católica sobre os Maias, pondo em relevo o antagonismo da obra, os discursos ambivalentes e o conjunto de interesses em torno desta.

Diego de Landa Calderón foi um frei franciscano espanhol, nascido em Cifuentes (Guadalajara), que em 1549, aos 25 anos, desembarcou na província peninsular de Yucatán, descoberta no ano de 1519 por Francisco Hernandez de Córdoba, com uma costa riquíssima em diversidades de fauna e flora, que encantou não somente seus nativos, os Maias, como também os conquistadores espanhóis.

Angel Maria Garibay (1978, pg. XII) relata na introdução da obra de Landa, Relacion de las cosas de Yucatán, que “dobles eran sus objetivos (deberes), dado su vocación y e intento de su venida. Primero, cristianizar a los paganos; segundo, reformar la vida cristianizada de los españoles conquistadores”. Para aquele objetivo, temos que o frei buscou estar inserido nos costumes e cotidiano dos Maias, inclusive aprendendo a língua Maia, e

1 Para uma melhor compreensão ler: KUSHINER, Karina. ; CARNEIRO, Leandro. As dimensões Subjetivas da Política: Cultura política e Antropologia Política.

2 LANDA, Diego de. Relación de las Cosas de Yucatán. México: Editorial Purria, 1978.

tendo escrito também “Doctrina Cristiana en lengua Maya”³, quanto ao segundo objetivo o contexto hispânico o fazia necessário: a relação dos franciscanos com os indígenas e suas ações catequizadoras chocavam-se com os interesses de autoridades civis, “Alcaides Mayores”, “encomenderos” e “hacenderos”. Mas, a imagem e obra de Landa perpassam meros dois objetivos e tomam um conjunto de caracteres multifacetados.

Cruel e fanático, estratégico e evangelizador, um homem do seu tempo e de personalidade peculiar, a lista de sinônimos dados a figura de Diego de Landa cresce a cada nova interpretação da sua pessoa e obra. O frei foi desde “Guardián de Izamal” a “Obispo de Yucatán”, de evangelizador a inquisidor, de observador da cultura maya à destruidor maciço de códices pré-hispanicos. Por estas e outras razões Landa já seria um intrigante objeto de estudo histórico, contudo, a obra do frei apresenta-se ainda como uma riquíssima fonte de pesquisa quanto ao poder, a Igreja, os Maias: descrição de costumes, crenças religiosas, detalhamento do calendário Maia, antagonismo, discursos ambivalentes e um conjunto de interesses envolta da escrita são apenas algumas das peças que fazem parte da *relacion*⁴ de Diego de Landa, e a tornam uma indiscutível linha de diálogo para com a história da América Hispânica.

A obra foi originada quando em uma carta ao então rei da Espanha, frei Francisco de Toral (que ocupou a cadeira episcopal de Yucatán) acusa Diego de Landa de ter extrapolado seus limites enquanto juiz apostólico, evangelizador e de ultrapassar sua jurisprudência. Vale salientar que dentre o acumulo de ações a qual Toral se referia, a mais penosa seria o Auto de fé de Maní (1562) onde segundo os estudos do doutor Justo Sierra (Séc. XIX), foram queimados ou quebrados cerca de: 5.000 ídolos de diferentes formas e dimensões, 13 grandes pedras utilizadas como altares, 27 “rollos” com signos e hieróglifos, e 197 vasos de diferentes tamanhos. Mas o Auto de Fé de Maní não se resumiu a este fato:

3 “En esta tierra no se ya hasta ahora traducido en la lengua de los naturales cosa alguna de sagrada escritura, ni tienen en la lengua más de una doctrina que yo hice imprimir en esta ciudad, estando en ella, y también algunos sermones de mano en la misma lengua, no impresos...”. LANDA, Diego de. Relación de las Cosas de Yucatán. CARTA de don Fray Diego de Landa a los Inquisidores de Nueva España, de 19 de enero de 1578. Doc. nº 4. México: Editorial Purria, 1978. Pg. 168.170.

4 Segundo Angel Maria Garibay o conceito de “Relacion” tido no Séc. XVI era: “Es um alegato, es um informe, es una historia(...) Como Alegato, se reúnen datos y argumentos ante quien debe oír para fallar. Como informe, se acumulan noticias y hechos, para que el deseo de conocimiento pueda venir a la real concepción de lo que son las cosas. Como Historia, describe e narra.”

El 11 de junio (1562) landa mando apresar a treinta indígenas prominentes, incluyendo caciques y gobernadores (...) Los mayas responsables fueron trasquilados, encorazados y ensambenitados; el escarmiento resulto tan penoso que algunos se ahorcaron en los bosques o huyeran despavoridos tratando de evitar el rigor de los castigos. (<http://www.artehistoria.jcyl.es/cronicas/contextos/11521.htm>)

Comenzaron el negocio com gran rigurosidad y atrocidad, poniendo a los indios en grandes tormentos de cordeles y agua, y colgándoles en alto a manera de tormento de garrucha con piedras de dos y tres arrobas a los pies, y allí colgados dándoles muchos azotes hasta que les corría a muchos de ellos sangre por las espaldas y piernas hasta el suelo; y sobre esto los pringaban como se acostumbra hacer a los negros esclavos, con candelas de cera encendidas y derritiendo sobre sus carnes la cera de ellas. (LÓPEZ-PORTILLO, 2007, p.323)

Landa, vendo-se sem saída diante as acusações enviadas pelos próprios membros da ordem franciscana ao rei Felipe II, decide voltar à Espanha em 1563 para poder preparar sua defesa frente ao Conselho das Índias. No convento de “San Juan de los Reyes”, Toledo, por volta de 1566 o frei então escreve uma obra, baseada em suas observações e anotações da província de Yucatán e os Maias: paisagens, cultura, religião, política, arquitetura, alimentação, com intuito maior de validar suas ações frente aos membros do Conselho das Índias e da Ordem Franciscana. Levou a cabo de seu julgamento as bulas papais de Adriano IV, León X e Pablo III, que delegavam a membros inferiores das ordens monásticas certos poderes naquelas regiões onde não haviam “obispos” residentes, o que remete ao cenário de Maní no período ao qual se refere as suas acusações. Na leitura feita pelo conselho, o frei foi absolvido, de suas acusações, e pouco tempo depois nomeado “maestro de novicios em San Juan de Los Reyes”.

Ora, a absolvição do frei não chega a espantar no tocante aos julgamentos realizados pelo Conselho das Índias, onde muitas vezes imperava o “paternalismo” monástico, pois, à de se convir que a obra não é apenas uma defesa de Landa diante o tribunal, como acima de tudo, a defesa do intuito, “direito e dever” institucional católico/cristão naquelas terras, tendo como reforço as bulas papais. Mas, intrigante mesmo seriam dois outros fatos: o primeiro se refere a uma carta escrita em 11 fevereiro de 1567 assinada por dez caciques, solicitando o retorno de alguns freis franciscanos dentre eles Diego de Landa:

Suplicamos a V.M. (que) se compadezca de nuestras animas y nos envíe frailes franciscanos que nos guíen y enseñen la carrera de Dios, y en especial algunos que han ido de estas partes a España, que sabían ya muy bien la lengua de esta tierra con que nos predicaban, que se llama Fray Diego de Landa, Fray Pedro Gumiel, de la provincia de Toledo, y fray Miguel de la Puebla y los demás que V.M. fuere servido. (1567, Febrero, 11. Yucatán. En lengua maya. 2 fols. México, 367. Archivo General de Indias. España, 1997).

E que diante a morte de Toral então bispo de Yucatán - o mesmo que levou ao Conselho das Índias as acusações á Landa – fosse nomeado como novo “Obispo” de Yucatán, em 1572, frei Diego de Landa.

Buscar dentro de contextos como estes, apresentados acima, significações inscritas, ambivalência, construção de imagem e metodologia de apresentação da obra è que irão complementar esta nossa breve leitura sobre a “Relación”.

Landa já em sua chegada a Yucatán, buscou acercar-se do ambiente cultural, político e religioso dos Maias. Enquanto alguns dizem que isto vai além de seu papel de “evangelizador”, compreendemos esta ação como uma ferramenta estratégica reforçando seu papel como “evangelizador. A través dos ensinamentos de frei Luiz de Villalpondo, chegou a dominar a língua Maia - segundo frei Bernardo de Lizana “como si fuera su lengua materna” (HARADA, 2004)- o que propiciou a Landa um maior número de caracteres a serem pesquisados e retratados acerca da cultura Maia. A riqueza de detalhes quando interpreta o calendário Maia, nos leva a crer numa dedicação de tempo e estudo tamanha, não apenas da língua nativa como do próprio cenário cultural Maia.

Não distante do que faria parte do planejamento de sua obra, a metodologia didática utilizada por Landa une-se ao que Geertz discorreu como “descrição densa”, fazendo uma obra acessível e que remete de certa forma, o leitor ao fato ou coisa através do inscrito. A didática trabalhada para uma melhor compreensão por parte do Conselho que desconhecia muito daqueles aspectos, do que seria, como vivia e se comportava o “outro”; não sem interesse, Landa poe em sua obra muitos números e comparações do ambiente “Yucateco” para com demais regiões Hispânicas. A “descrição densa”, esta no fato de que, por exemplo, “cada vez que probababa un pescado, carne de un animal, alguna fruta rara, la sal, la miel, entre otros tantos, anotaba la forma en que se come e inclusive si le resultaba sabroso” (HARADA, 2004).

Landa apresenta como uma das fontes principais de sua obra a oralidade, utilizando informantes indígenas, em sua maioria velhos, tomando “sus dados de documentos directos de los indios, la transmisión oral y sus ojos y oídos como fuentes”. Buscava firmar seus escritos mediante conflito e filtragem das versões de seus informantes sobre o fato ou coisa. Segundo Okoshi Harada, o frei teria dois indígenas como fontes primárias de suas informações: Don Juan Cocom, ou Na chi Cocom nome nativo, e Gaspar Antonio Chi Xiu. O que buscava Landa era a “verdade do duvidoso”, ou seja, a “verdade” do que eles (os nativos) podiam saber ou conhecer, por experiência ou por ouvir daquele espaço e tempo.

Que como la gente mexicana tuvo señales y profecías de la venida de los españoles y de cesación de su mando y religión, también tuvieron los de Yucatán algunos años antes que el adelantado Montejo...Un indio Llamado Ah Cambal, de oficio Chilám... les dijo públicamente que pronto serían señoreados por gente extranjera, y que les predicarían un Dios (...) (LANDA, 1994: 101)

Este tipo de trabalho “etnográfico” é bastante intrigante haja vista que: a) a presença dos indígenas como fonte e objeto de estudo, põe em relevo as inflexões e distorções do discurso indígena aos questionamentos espanhóis; b) e segundo Geertz (1989, p.31) este tipo de trabalho implica também, na tentativa de “salvar o “dito” num tal discurso da sua possibilidade”, c) e propô-lo em formas analisáveis.

O direcionamento do discurso eclesiástico na figura de Landa não é novidade, já que o “monopólio da percepção do real” é gritante no que se refere ao séc. XVI. Na busca de uma edificação da memória indígena, temos uma aculturação destas memórias através de uma releitura hispânica, onde os informantes deveriam descrever o: ser e viver naquele ambiente no antes e agora, numa espécie de “auto-descrição” dos “pueblos”, sob a luz do contexto Hispânico, resultando muitas vezes no que Ginzburg denomina de “memórias encomendadas”. Landa assim, tira suas próprias interpretações do que ele acha que os “outros” pretendem e depois processa os dados.

Mas, na fala dos indígenas já estava presente o que seria o seu lugar. Ora, não é de se espantar tampouco que inserido no discurso indígena estava o reflexo daquele choque cultural, mas acima disto, estava fincada a busca pela reafirmação dos seus espaços, suas compreensões, práticas e estruturas simbólicas. Não por nada, chamamos de choque cultural, dois “corpos” que tem força e entram em contato, e neste momento, ambos cruzam suas forças. Neste jogo de alteridade entre a “história contada pelo outro” e a “história escrita por nós”, Geertz (1989, p.25) nos afirma que “a análise penetra no próprio corpo do objeto” e que sendo estudo referente a questões antropológicas os próprios textos “são eles mesmos interpretações”, já que as ações são produzidas, percebidas e interpretadas.

A tentativa de salvar o fato/coisa a partir do discurso de sua possibilidade faz com que, no caso aqui estudado, Landa empreenda não apenas a construção de um discurso como também de uma imagem. As significações inscritas ao longo da obra, a busca da afirmação dos lugares, dos pertencimentos, faz com que seja moldada uma imagem, sob uma fala possível do “dito”. Em Landa, esta memória produzida dos Maias e sua cultura no território “yucateco” demonstra - ainda que sob a forma do possível, de uma interpretação – as

dimensões do simbólico em sua pluralidade. Pois, entendemos que apesar de toda estratégia e planejamento da obra, a “Relacion de las Cosas de Yucatan” constrói uma leitura de algo, este algo como a cultura Maia, não poderia ser descrito como algo mecânico, senão como algo imerso em seu contexto, para que assim possam ser descritos densamente e possam tornar-se inteligíveis ou analisáveis. Segundo Von-Humboldt:

“O homem apreende os objetos principalmente da forma como a linguagem os apresenta. Segundo o mesmo processo pelo qual ele desfia a linguagem para fora de seu próprio ser acaba por se confundir com ela” e como resultado disto “cada linguagem desenha um círculo mágico em torno do povo a que pertence” (HUMBOLDT.1965, p. 80)

Cabe a nos buscarmos também, como decifradores de códigos, o que esta sendo transmitido. Landa quando constrói este discurso, busca sua defesa frente a um tribunal, ainda que formado por um grupo de “mesmos”, que estão cercados de cartas e depoimentos que julgam como maléfica, brutal e arbitrária suas ações em Maní. Para fazer-se escutar era preciso estar igualmente armado de argumentos e números que fizessem entender e validar sua ação. Contudo, Landa foi além, fez em primeiro lugar ser e estar representado por instituições maiores: a ordem franciscana, a igreja católica e o rei. Assim, estava ali figurado um homem de fé, que cumpriu com seus direitos e deveres, que fez prevalecer a luz onde havia trevas, que fez jus aos anseios da coroa, e que retratou e buscou compreender os “outros”. Ir de encontro a isso seria debaterem-se com as instituições, ao que representavam e no que acreditavam. Além do contexto teórico que tratamos a obra de Landa, retrata em um terceiro plano a própria Igreja Católica.

Este plano de fundo pode ser apresentado pelo que chamamos de “poder simbólico” - << este círculo cujo centro esta em toda parte e em parte alguma>> (BOURDIEU, 2005, p. 7).

O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é de competência das palavras. O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível transfigurada e legitimada, das outras formas de poder (...). (BOURDIEU, 2005, p. 15)

Landa busca na construção de um discurso, na defesa a banca do Conselho, efetuar “este poder invisível que só poder ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”, tendo a igreja como instrumento de conhecimento e construção de “mundo”. Logo, fazendo daqueles que estariam lhe atacando, uma espécie de escudo, para as próprias acusações, sem que muitas vezes, se faça perceber.

A obra de Landa foi estudada e orientada sob diversos aspectos. Nesta pequena amostra do trabalho, buscamos expor algumas das possibilidades de leitura acerca da “Relación de Landa”; trazer à tona a importância e o valor da utilização das “Crônicas das Índias” como mais uma fonte dentro dos estudos históricos.

Algumas respostas foram apresentadas, contudo nos restam diversas dúvidas, que nos instigam ainda mais, no mergulho na obra de Landa e o contexto da América Hispânica do Séc. XVI. Buscarei expandir o diálogo com os apontamentos de Okoshi Harada da UNAM, e trazer para o cerne do debate, o fabuloso trabalho que Matthew Restall e John F. Chuchiak IV desenvolveram acerca de uma reavaliação e autenticidade da obra de Landa. Assim, juntamente com as conversações teóricas e metodológicas ao longo do tempo, desenvolver um trabalho cada vez mais denso, não somente preocupado em trazer respostas, mas, sobretudo, novos levantamentos e dúvidas. Para que assim possamos trabalhar melhor, a origem, o uso e processo da obra “Relación de las Cosas de Yucatan”, buscando favorecer a História Maia e da América Hispânica, dentro das novas formatações que a historiografia nos permite.